



O DRAMA DA DOUTRINA

UMA ABORDAGEM
CANÔNICO-LINGUÍSTICA
DA TEOLOGIA CRISTÃ

KEVIN J. VANHOOZER


VIDA NOVA

Uma excelente reconsideração metodológica das Escrituras, da doutrina e da prática cristã sob a ótica do drama e da encenação. Vanhoozer ajuda o leitor pela maneira em que reescreve um modelo linguístico-cultural com o objetivo de reconhecer com mais clareza a autoridade da Bíblia e deixar clara a falibilidade da igreja.

Kathryn Tanner, professora titular de Teologia, University of Chicago Divinity School

Recheado de fortes argumentos, mergulhado tanto nas Escrituras quanto na literatura teológica e da hermenêutica filosófica, repleto de ideias inspiradoras, esse livro aplica e promove o renascimento das doutrinas cristãs nos dias atuais. Um excelente ponto de partida para quem deseja descobrir uma teologia cristã generosamente ortodoxa e cheia de vida.

John Webster, professor titular de Teologia Sistemática na King's College, University of Aberdeen

Sumário

Prefácio	11
Introdução — O caminho da verdade; a matéria da vida.....	19
O cenário: a teologia e a virada linguístico-cultural.....	19
A tese: a abordagem canônico-linguística.....	33
A visão: uma ortodoxia católico-evangélica.....	42
O enredo: uma breve sinopse.....	47
PRIMEIRA PARTE: O DRAMA	51
1 O evangelho como teodrama: voz e ator divinos.....	53
Entradas, êxodos e a economia do evangelho	54
Teodrama: a fala e a ação de Deus	60
2 A teologia no teodrama: voz e ator humanos.....	73
Teologia teodramática: discurso e ação humanos.....	73
A missão da teologia e as missões trinitárias	75
3 A natureza da doutrina: uma proposta dramática	92
Conhecer a Deus verdadeiramente: o que Londres e a Broadway têm a dizer a Jerusalém.....	93
As naturezas da doutrina: proposições, poemas e práticas	98
A doutrina como direção teodramática	115
SEGUNDA PARTE: O ROTEIRO	129
4 Palavra e igreja: o cânon como documento da aliança.....	131
A experiência da “estrada de Gaza”: “segundo as Escrituras”	132
Por que voltar-se para o cânon? Problemas e possibilidades.....	136

	O cânon como aliança: como as Escrituras constituem a igreja.....	149
	O cânon como critério: por que as Escrituras controlam.....	157
5	As Escrituras e a tradição: dois (ou mais) tipos de interpretação da encenação.....	167
	As Escrituras tornam-se tradição: eclesiologia como teologia primeira?	170
	Encenação II: autoria e direção pela comunidade interpretativa....	181
	A encenação trina: o discurso canônico divino	193
	Encenação I: a comunidade interpretativa responde e atua	196
6	Jesus, o Espírito e a igreja: as Escrituras e a tradição da perspectiva teodramática.....	203
	Uma hermenêutica da recepção pneumática: a igreja como encenação do Espírito?	205
	<i>Commissio</i> : o cânon e a autoridade profética de Jesus Cristo	209
	Discernindo a tradição “dinamizada pelo Espírito”: a igreja como história dos efeitos canônicos.....	215
	O padrão da autoridade eclesial: a regra de fé canônica.....	219
7	A obra do Espírito nas práticas do cânon	227
	Práticas literárias: gêneros como tipos de ação social.....	228
	Práticas canônicas e formas de vida na aliança	232
	Práticas canônicas, práticas de Jesus: Escrituras, leitura figurada e oração.....	236
	O cânon como prática dinamizada pelo Espírito.....	242
	A prática do <i>sola Scriptura</i> e o papel da tradição: o cânon como critério sapiencial	247

TERCEIRA PARTE: O DRAMATURGISTA.....255

8	Teologia como dramaturgismo	259
	Apresentando o dramaturgista	260
	O teólogo como dramaturgista.....	262
	Fidelidade como adequação dramática	272
9	A abordagem canônico-linguística (primeira parte): <i>scientia</i>	280
	Uma teologia pós-propositivista	280
	Uma teologia pós-conservadora	292
	Uma teologia pós-fundacionalista	307
10	A abordagem canônico-linguística (segunda parte): <i>sapientia</i>	322
	Uma teologia prosaica	323
	Uma teologia fonética	339
	Uma teologia profética	370

QUARTA PARTE: A ENCENAÇÃO	375
11 Doutrina, papel, vocação: os atores se preparam	377
Teatro de identidade: seleção de elenco, representação, ser você mesmo.....	378
O “método”: da personagem à formação espiritual	383
Da doutrina à identidade: expiação e união com Cristo	394
A vocação do discípulo: ser real	408
12 A doutrina e a igreja: a companhia teatral do evangelho.....	413
A igreja como teatro: o espaço vazio.....	415
Um teatro de palavra e sacramento: encenando o <i>Corpus Christi</i> ...	421
Uma comunidade de “intérpretes de época”: o teatro interativo como <i>communio</i>	427
Encenando a expiação: um teatro de martírio	440
Por uma teologia amadora: atuação em parábolas.....	455
Conclusão: credos, confissões e o pastor/diretor: doutrina e teologia no teatro da ação congregacional	460
Dirigindo a companhia: a teologia pastoral	460
Teatro de obra-prima: a teologia dos credos	463
Teatro regional: a teologia confessional	464
Teatro local: a teologia congregacional	467
Bibliografia	473
Índice de nomes	489
Índice remissivo	495
Índice de passagens bíblicas	505

Prefácio

No coração do cristianismo encontra-se uma série de acontecimentos muito marcantes que, juntos, constituem o evangelho de Jesus Cristo. O evangelho — graciosa autocomunicação de Deus em Jesus Cristo — é inerentemente dramático. Então, em contrapartida, por que a doutrina cristã muitas vezes parece tão maçante? E não só maçante, mas fraca. Alan Wolfe, sociólogo da religião, argumenta em seu recente livro *The transformation of American religion* [A transformação da religião americana] que a doutrina já não desempenha nenhum papel expressivo na vida e no pensamento dos cristãos comuns. “O discurso sobre o inferno, sobre a condenação e até mesmo sobre o pecado foi substituído por uma linguagem tolerante de compreensão e empatia. Ficaram para trás os debates sobre doutrina e teologia; se a maioria dos crentes não consegue, nem pela própria vida, recordar em que Lutero é diferente de Calvino, não há necessidade das disputas e divisões nas quais ao longo dos séculos incorreram aqueles reformadores, bem como outros líderes religiosos”.¹ Se há uma geração se falava do “estranho silêncio da Bíblia na igreja”,² hoje a questão urgente é o que Wolfe chama de “o estranho desaparecimento da doutrina na igreja”.³

Críticos, sem dúvida, contestarão a precisão da análise de Wolfe. No entanto, existe um grande volume de indícios resultantes de observações casuais que dão a entender que ele pode ter percebido algo importante. Para muitos em nossa era pós-moderna, “sentir é crer”, e enunciar crenças sob a forma de doutrina é considerado desnecessário, impossível ou causa de discórdia. Membros das igrejas tradicionais acham cada vez mais difícil articular as doutrinas próprias de suas denominações,

¹Alan Wolfe, *The transformation of American religion: how we actually live our faith* (New York: Free Press, 2003), p. 3.

²Cf. James D. Smart, *The strange silence of the Bible in the church* (Philadelphia: Westminster, 1970).

³Cf. Wolfe, *Transformation of American religion*, cap. 3, cuja primeira seção tem o título “The strange disappearance of doctrine from conservative Protestantism” [O estranho desaparecimento da doutrina do meio do protestantismo conservador], p. 67.

e membros de megaigrejas costumam pensar em si mesmos como pós-denominacionais.⁴ No entanto, o argumento de Wolfe, por mais falho e incompleto que seja, pinta um quadro plausível e preocupante. “As igrejas evangélicas não têm doutrinas, pois querem atrair novos membros. As igrejas tradicionais carecem de doutrina, pois querem manter o declinante número de membros que ainda têm”.⁵

O drama da doutrina defende não haver tarefa mais urgente na igreja do que demonstrar a compreensão da fé por meio de uma vida correta com os outros diante de Deus. Este livro defende ainda que a doutrina é um recurso indispensável para o entendimento e para a vida correta. Ela é um ingrediente vital para o bem-estar da igreja, uma ajuda essencial para seu testemunho público. O problema não está com a doutrina em si, mas com uma concepção de doutrina, ou talvez várias concepções, que nos tem mantido cativos.

Este livro apresenta novas metáforas para a teologia (dramaturgia), para as Escrituras (o roteiro), para a compreensão teológica (atuação), para a igreja (a companhia) e para o pastor (o diretor). Ele defende que a doutrina, longe de não ter relação com a vida, serve à igreja, orientando seus membros no projeto de uma vida sábia para a glória de Deus. Este livro procura convencer ministros e leigos igualmente a não desprezarem a doutrina como algo irrelevante e motivar os teólogos a não negligenciarem as necessidades da igreja. Seu objetivo é fazer o cordeiro pastoral deitar-se com o leão teológico. É refutar, de uma vez por todas, a dicotomia muito comum entre doutrina e vida real. A doutrina cristã nos orienta no caminho da verdade e da vida e, portanto, é nada menos do que uma receita para a realidade.

Escrever este livro foi um processo mais dramático do que eu havia previsto. Durante sua composição enfrentei algumas situações, tanto conceituais quanto pessoais, repletas de suspense, de cuja resolução dependia em grande parte a minha identidade como teólogo cristão. Eu pratico o que prego? (Não o suficiente.) Sou evangélico, ortodoxo, católico ou alguma combinação disso tudo? (Sim.) É possível manter a ênfase da Reforma na primazia das Escrituras em uma era pós-moderna que olha para a investigação de questões de significado, conhecimento e verdade principalmente sob a ótica de práticas e tradições humanas? (Leia a terceira parte.) A que igreja local devo me filiar? (Presbiteriana.) Menciono de passagem essas questões para benefício daqueles que ainda se interessam por autores. Outros leitores querem saber onde o autor se situa ideologicamente. Traçar minha localização no mapa da teologia contemporânea é de fato um dos principais encargos da presente obra. A busca da identidade pessoal e teológica assume uma forma narrativa; quando essa narrativa é vivida com outros, torna-se um drama.

Outra complicação da trama merece menção especial. Além das habituais pressões de tempo, senti a força do assunto em si, à medida que, de vez em quando, ele parecia assumir vida própria e resistir à minha vontade de autor. Muitas vezes ouvimos falar de como personagens às vezes escapam das garras de seus autores. Isso também acontece com certos argumentos. Comecei o livro bastante convencido de

⁴Veja Wolfe, *Transformation of American religion*, p. 74.

⁵Ibid., p. 87.

que a suficiência das Escrituras significava que a obediência é o que realmente importa se quisermos saber se os cristãos são bíblicos ou não. Será que vamos obedecer ao que ouvimos? Embora eu continue a pensar que a espiritualidade tem influência decisiva sobre a teologia de uma pessoa, comecei a repensar a questão da suficiência das Escrituras. O resultado foi que meu esboço original e a esperança de escrever um livro fino caíram por terra. O que deveria ter sido tratado em um capítulo — a relação entre as Escrituras e a tradição — virou quatro capítulos — na verdade, toda a segunda parte. Esse repensar também me levou a atribuir às noções de “tradição” e “improvisação” um papel mais positivo do que eu imaginava no início.

Estamos vivendo em uma era de mudanças dramáticas, até mesmo grandiosas (e.g., da época moderna para a pós-moderna, o fim da Guerra Fria, o pluralismo religioso). Podemos estar testemunhando mudanças igualmente profundas na teologia. O momento é propício para novas convergências e alianças, talvez até mesmo para cura, ao longo de uma faixa significativa daquilo que, não muito tempo atrás, foi chamado de “espectro fragmentado” da teologia cristã. O sistema bipolar “conservador *versus* liberal” já não parece adequado para descrever o que está ocorrendo. Cerca de vinte anos atrás, George Lindbeck publicou uma espécie de manifesto por uma teologia pós-liberal, linguístico-cultural e por uma teoria reguladora da doutrina. *O presente livro expõe uma teologia canônico-linguística pós-conservadora e uma teoria diretiva da doutrina, que crava a teologia com mais firmeza nas Escrituras, enquanto preserva a ênfase prática de Lindbeck.*

Embora a reforma da igreja não seja o alvo explícito da presente obra, ela constitui um horizonte de expectativa. O que este livro contém é uma descrição da doutrina que fornece um caminho a seguir, tanto para a teologia quanto para a igreja, pela superação da dicotomia mortal entre doutrina e vida. Quero dizer sobre a teologia o que Samuel Johnson disse sobre Londres. “Quem está cansado da doutrina está cansado da vida, pois a doutrina é a essência da vida.” A doutrina cristã é necessária para o ser humano florescer. Só ela nos mostra quem somos, por que estamos aqui e o que devemos fazer. O estereótipo da doutrina como elemento seco e empoeirado representa uma decrépita distorção da realidade, esta, sim, valente e estimulante. A doutrina lida com energias e eventos tão reais e poderosos quanto qualquer coisa conhecida em química ou física, energias e eventos que podem virar o mundo que conhecemos de cabeça para baixo, energias e eventos em que estamos enxertados como participantes com papéis que envolvem ação e discurso.

Parte da energia que espero transmitir aqui pode ser obstruída pelo tamanho do livro. Eu tinha a intenção de escrever um manifesto breve e construtivo. O manifesto *está* aqui, mas é preciso achá-lo! Convido os leitores que estejam mais interessados em ler sobre minha teoria diretiva da doutrina, e não sobre minhas outras ideias, que se concentrem no último capítulo da primeira e da segunda partes. Os outros capítulos nessas partes incluem discussões mais detalhadas sobre o cenário contemporâneo da teologia, sob cuja luz procuro situar minhas propostas. A terceira e quarta partes, porém, devem ser lidas integralmente para que se possa captar toda a extensão da minha tese.

Agradeço a John Stackhouse por me convidar a fazer uma preleção sobre o método teológico que gerou o presente trabalho e a Carey Newman por seu convite para que eu transformasse essa palestra em livro. Sou grato ao grupo de discussão da Northside Theology — David Cunningham, Steve Long, Mark McIntosh, A. K. M. e Margaret Adams — pela interação com um resumo do livro durante uma fase crucial de sua gestação. Também me beneficei do projeto Common Root — discussões contínuas entre teólogos da Trinity Evangelical Divinity School e do Mundelein Seminary da St. Mary's University — com as esclarecedoras discussões sobre a natureza do evangelho nas tradições evangélica e católica romana, respectivamente, e com os comentários de participantes da Ward Consultation sobre educação teológica de 2004. Meus agradecimentos também aos membros abnegados da Lay Academy, que assistiram à minha apresentação do conteúdo deste livro durante seis semanas na igreja First Presbyterian Church (Libertyville, estado de Illinois).

Dois de meus alunos de mestrado em Teologia, J. T. Paasch e Daniel McClain, digeriram com empolgação os três primeiros capítulos e os debateram comigo ao longo de várias reuniões regadas a muita cafeína. Meus agradecimentos também a três de meus alunos de doutorado: Lisa Sung e Adam Co, por seus comentários sobre várias partes do livro, e Michael Sleasman, pela ajuda na edição do texto e na eliminação de redundâncias, ministério pelo qual muitos leitores certamente serão gratos. Meu colega Doug Sweeney leu uma versão inicial da conclusão e apontou uma importante lacuna no argumento, que mais tarde preenchi, esperando que ele tenha ficado satisfeito. Devo um agradecimento especial a mais dois ex-alunos. Dan Treier garantiu a dramaticidade do processo de composição, chamando minha atenção para uma série de problemas de uma versão anterior. Suas ideias e críticas contínuas levaram-me a repassar o argumento mais do que eu faria em outras circunstâncias, tendo sido ele o pastor-crítico ideal que soube quando e onde condenar, quando e onde consolar, e em que medida. E Sam Wells ajudou-me a confiar em minhas intuições sobre improvisação, compartilhando o manuscrito de seu maravilhoso livro *Improvisation: the drama of Christian ethics* [Improvisação: o drama da ética cristã] antes de seus editores subirem oficialmente a cortina. É com prazer que agradeço às minhas duas filhas, Maria e Emma, por serem um público tão entusiasta e incentivador sempre que eu testava com elas várias palavras, figuras de linguagem e argumentos. Os agradecimentos vão também para minha esposa, Sylvie, por assistir a várias peças na região de Chicago, tudo em nome de uma diligente “pesquisa”.

De modo mais geral, gostaria de agradecer a uma série de amigos e colegas que têm contribuído para o atual renascimento da teologia cristã, especialmente aqueles que participaram das várias conferências de dogmática que organizei quando lecionava na Universidade de Edimburgo. A disciplina encontra-se em um estado bem mais saudável em comparação com a situação de uma geração atrás, quando eu era aluno do bacharelado. Entre os muitos teólogos cujos trabalhos ajudaram-me a enxergar uma via que vai além do estéril impasse conservador/liberal, sem abandonar uma generosa ortodoxia, permita-me mencionar, junto aos já citados, Gary Badcock, Colin Gunton, já falecido, Bruce McCormack, Francis Watson e John Webster.

Dedico esta obra a Nicholas Lash, cuja perita supervisão de minha tese de doutorado em Cambridge me foi muito útil com meus próprios alunos de doutorado e cujo ensaio “Performing the Scriptures” [Encenando as Escrituras] calou fundo em minha mente desde que o ouvi pela primeira vez, apresentado em um seminário da “Sociedade D”, durante o primeiro semestre do meu primeiro ano de doutorado, em outubro de 1982. Mal sabia eu na ocasião que estava trabalhando com aquele que mais tarde seria chamado “modelo da teologia pós-moderna na tradição anglo-americana”.⁶ Embora certamente ele não concordará com tudo neste livro, talvez consiga perceber como tudo poderia ter sido pior se não fosse por sua influência moderadora e terapêutica.

⁶Brad Kallenberg; Nancey Murphy, “Anglo-American postmodernity: a theology of communal practice”, in: Kevin J. Vanhoozer, org., *The Cambridge companion to postmodern theology* (Cambridge: Cambridge University Press, 2003), p. 26.

Introdução

O caminho da verdade; a matéria da vida

No início, um espaço vazio. A palavra rompe o silêncio, revela um universo; o mundo surge. Mais palavras; um espaço indefinido adquire uma configuração, torna-se lugar para formas que emergem do pó. O palco está montado. Ação!

Ser ou não ser não é a questão, nem nossa escolha. Somos “jogados na existência”, diz Martin Heidegger.¹ Nós simplesmente nos encontramos em um mundo. Estamos aqui, no palco, com muitos outros. Sem ajuda, a razão não pode nos dizer por que estamos aqui nem o que devemos fazer. Para filósofos existencialistas como Heidegger, o desafio é alcançar autenticidade, que, segundo ele, significa cada pessoa estar sempre se preparando para atuar na cena da sua morte.

Hoje temos mais informações sobre a vida e mais técnicas para preservá-la como jamais tivemos, porém continuamos desconcertados quanto à questão do sentido da vida.² Conseguimos mapear a galáxia, mas ainda estamos tentando nos situar. Mapeamos o genoma humano, mas ainda estamos tentando determinar o que somos. Precisamos de orientação à medida que tentamos representar nosso papel, ouvir nosso “ponto” enquanto tentamos nos lembrar do texto de nossas próximas linhas. Sem dúvida, ser lançado — nascer — em determinado lugar e tempo (e classe) dá alguma pista inicial. Desde bebês somos socializados segundo nossas várias identidades — homem ou mulher, cristão, muçulmano ou *New Age*, americano ou asiático, moderno ou pós-moderno.

¹Martin Heidegger, *Being and time*, tradução para o inglês de John Macquarrie e Edward Robinson (Oxford: Basil Blackwell, 1980), p. 321 [edição em português: *Ser e tempo*, tradução revisada de Marcia Sá Cavalcante Schuback (Bragança Paulista/Petrópolis: Ed. Universitária/São Francisco/Vozes, 2013)].

²Walker Percy observa que, mais do que nunca, temos infinitos meios de nos manter vivos, porém menos motivos para fazê-lo, em *Lost in the cosmos: the last self-help book* (New York: Farrar, Straus and Giroux, 1983).

As ciências naturais e sociais continuam a disputar os direitos de vangloriar-se sobre qual delas exerce maior influência sobre a condição humana: natureza ou educação; determinismo genético ou doutrinação social; hereditariedade ou história. Alguns dizem que nossos papéis estão inscritos em nossa biologia; outros atribuem nossa programação à sociedade. Quem está com a razão? E, independentemente da resposta, o que acontece com a liberdade, com a capacidade de autodeterminação? Onde, em nossa era tecnológica pós-moderna, está a Linha Maginot, que protege a dignidade e a personalidade humanas?

O próprio modo de formular essas questões revela a localização de seu autor no palco da história humana. Elas são todas sobre mim, sobre nós; elas são todas antropocêntricas. Em si, elas têm mais da cultura ocidental pós-moderna do que do evangelho, pois manifestam sintomas de neuroses típicas da modernidade. Paul Tillich lê a história da cultura como uma série de ataques de ansiedade. A civilização antiga sofreu da ansiedade da morte; a Idade Média e a Reforma, da ansiedade da culpa; a modernidade, da ansiedade da falta de sentido. Talvez, se tivesse vivido mais, ele poderia ter caracterizado a pós-modernidade como a ansiedade da falta de verdade.

A doutrina cristã, consequência ponderada da busca de entendimento bíblico empreendida pela fé, responde a cada uma dessas condições culturais e espirituais. Empregando o evangelho como o principal recurso (mas não exclusivo) para lidar com as questões mais persistentes da vida, a doutrina cristã nos ensina a enfrentar as várias crises da vida real. A doutrina, longe de ser um assunto de teoria abstrata, é na verdade a essência da vida real. A vida real está localizada no caminho de Jesus Cristo, e o propósito da doutrina é conduzir-nos com precisão por esse caminho.

O propósito da teologia não é apenas terapêutico, é claro. Rowan Williams está certo ao chamar a atenção também para três outras dimensões da teologia. A primeira é a celebração. A teologia começa na adoração a Deus. O dogma, poderíamos dizer, é a doxologia. A segunda é a comunicação. A teologia procura explicar o significado de Deus e de suas obras para os que estão dentro e para o que estão fora da igreja. A terceira é a crítica. A teologia luta por distinguir o testemunho verdadeiro do falso quanto a Deus e às suas obras.³

Portanto, as doutrinas são proveitosas para celebrar, comunicar e criticar — e enfrentar —, desde que utilizadas com competência. A presente obra apresenta um relato da competência teológica, que envolve mais do que habilidade acadêmica. No final das contas, *competência teológica é a capacidade de fazer juízos que revelam a mente de Cristo*. Cristãos individualmente e a igreja como um todo não têm tarefa mais importante do que adquirir essa competência teológica. Um dos principais meios de fazer isso é ocupando-se da doutrina, da sua derivação das Escrituras e de seu desenvolvimento na comunidade dos fiéis.

A doutrina ajuda a igreja a entender onde ela foi “jogada” e que papel ela deve desempenhar ali. A igreja vive agora entre os tempos (entre a primeira e a segunda

³Rowan Williams, *On Christian theology* (Oxford: Blackwell, 2000), xiii. Cf. a descrição semelhante da tarefa proposta por David Ford em quatro pontos: “Teologia lida com questões de significado, verdade, beleza e prática” (*Theology: a very short introduction* [Oxford: Oxford University Press, 1999], p. 17).

vinda de Jesus), entre os atos de um drama divino de redenção.⁴ Cada ato da peça é iniciado por um ato de Deus. O primeiro ato é a Criação (Gn 1—3), cenário de tudo o que vem a seguir. O segundo ato (começando em Gênesis 2 e indo até o fim do Antigo Testamento) diz respeito à eleição, à rejeição e à restauração de Israel por Deus. O terceiro ato, fundamental e culminante, é Jesus. Palavra definitiva e ato definitivo de Deus. O quarto ato começa com o Cristo ressurreto, que envia seu Espírito para criar a igreja. O quinto e último ato é o *eschaton*, consumação de todas as coisas e do relacionamento de Deus com Israel e com a igreja. Atualmente, a igreja vive entre o evento definitivo de Jesus e o evento de encerramento do *eschaton*, pairando entre a memória e a esperança.

A sã doutrina — ensino autorizado — é vital para a vida da igreja e, por consequência, para a vida do mundo. Isso dificilmente é um truísmo, mas em muitos lugares pensa-se que a doutrina é o problema. Por um lado, ela é divisionista, um obstáculo ao amor e à unidade; por outro lado, muitas vezes parece insípida e irrelevante, livre de contato vital com as complicações e particularidades da vida cotidiana. Infelizmente, há mais do que um pouco de verdade em cada uma dessas acusações. No entanto, a culpa está menos na sã doutrina do que no seu manejo inadequado e em uma incompreensão de sua natureza e finalidade. Estamos presos a uma falsa ideia de doutrina. Começamos, então, armando o cenário. A sã doutrina está sofrendo de confusão quanto à sua natureza, de divergência quanto ao lócus de sua autoridade e, acima de tudo, de seu cativo a uma dicotomia debilitante entre teoria e prática.

O CENÁRIO: A TEOLOGIA E A VIRADA LINGÜÍSTICO-CULTURAL

Cada nova geração cristã precisa lidar com a seguinte questão: O que a igreja tem para dizer e fazer que nenhuma outra instituição humana pode dizer e fazer?⁵ Tanto a natureza quanto a sociedade abominam o vácuo, e há muitas ideologias e agendas esperando para correr e encher a mente e o coração dos descompromissados. Desprovida da sã doutrina, a igreja é levada por modismos culturais e intelectuais. Aliás, em grande parte, essa tem sido a história da igreja e da teologia no mundo moderno. A musculatura teológica tem ficado atrofiada como resultado de um excesso de correlações e acomodações a tendências filosóficas e culturais.⁶

O que a igreja tem a dizer e fazer com exclusividade não pode ser reduzido a filosofia ou política. A responsabilidade exclusiva da igreja é proclamar e praticar o evangelho, dando no discurso e na vida testemunho da realidade da presença e da

⁴Estou emprestando de Tom Wright essa figura da história de salvação como um drama, segundo adaptação de Samuel Wells. Cf. N. T. Wright, “How can the Bible be authoritative?” *Vox Evangelica* 21 (1991): 7-32; e Samuel Wells, *Improvisation: the drama of Christian ethics* (Grand Rapids: Brazos, 2004), p. 53-7.

⁵John H. Leith, *The reformed imperative: what the church has to say that no one else can say* (Philadelphia: Westminster, 1988), p. 14.

⁶Cf. Michael Buckley, *At the origins of modern atheism* (New Haven: Yale University Press, 1987); Louis Dupré, *Passage to modernity* (New Haven: Yale University Press, 1993); John Milbank, *Theology and social theory* (Oxford: Blackwell, 1990).

ação de Deus em Jesus Cristo e no Espírito Santo. A responsabilidade exclusiva do teólogo é garantir que o discurso e a ação da igreja correspondam à palavra de Deus, regra de fé e prática do cristão. No entanto, vários teólogos de hoje não têm certeza se invocam a noção de autoridade e, se a invocam, não sabem onde situá-la: na história de Jesus Cristo, no texto bíblico ou na comunidade de fé.

“A fé em busca de entendimento”: fontes e normas

A teologia cristã deve distinguir entre o verdadeiro e o falso conhecimento de Deus, pois falar indiscriminadamente sobre Deus não é uma opção para os que procuram adorar em espírito e em verdade. No entanto, apelar para Deus é um recurso poderoso demais para ser usado sem restrição. A história oferece numerosas ilustrações de indivíduos e sociedades (e igrejas!) invocando de forma precipitada o nome de Deus como justificativa para suas crenças e comportamentos, ou como justificativa para diversas formas de opressão, até mesmo a guerra. É exatamente porque o discurso sobre Deus é usado a torto e a direito que sempre devemos voltar à questão das fontes e normas da teologia.

A natureza da doutrina: preliminares

Doutrina, de acordo com um de seus principais historiadores, é mais fácil de descrever do que de definir.⁷ Doutrina diz respeito ao que a fé em busca de entendimento alcança quando a busca é bem-sucedida. Para ser mais exato: *A doutrina cristã é a recompensa que a fé recebe no final da busca pelo sentido do testemunho apostólico acerca do que Deus estava realizando no evento de Jesus Cristo.*⁸

Para onde devem olhar as pessoas de fé a fim de obter melhor compreensão do que confessam? A pergunta de Zofar dirigida a Jó retorna para nos provocar: “Podes tu, procurando, descobrir a Deus?” (Jó 11.7, KJV). O gênio filosófico descobre apenas o que está no âmbito de sua própria razão, mas o apóstolo proclama uma mensagem e uma verdade que não são produto de sua invenção. “O que era desde o princípio, o que ouvimos, o que vimos com nossos olhos [...] isso vos anunciamos” (1Jo 1.1-3).⁹ O desafio para aqueles que não testemunharam pessoalmente o Verbo ou Palavra de Deus é o desafio do acesso. Onde a revelação divina pode ser encontrada agora? Há pelo menos quatro candidatos.¹⁰

⁷Jaroslav Pelikan, *The Christian tradition* (Chicago: University of Chicago Press, 1971), vol. 1: *The emergence of the catholic tradition*, p. 1.

⁸Ao falar do “evento” de Jesus Cristo, não pretendo distinguir, mas integrar o que é tradicionalmente denotado pelos títulos de sua “pessoa” e “obra”. O “evento” de Jesus Cristo, portanto, refere-se à importância salvífica de sua identidade e história. Em consonância com isso, seria possível também falar da “estória” de Jesus Cristo.

⁹Cf. Søren Kierkegaard, “On the difference between a genius and an apostle”, in: Walter Lowrie; Alexander Dranda, orgs., *The present age and two minor ethico-religious treatises* (Oxford: Oxford University Press, 1940).

¹⁰A questão da revelação geral está fora do escopo desta obra. O foco da minha pesquisa é teologia cristã, e isso significa atentar principalmente (mas não exclusivamente) para a palavra de Deus presente nas Escrituras e em Jesus Cristo.



O DRAMA DA DOUTRINA

Kevin Vanhoozer tem se destacado como uma das mais importantes e mais jovens vozes da teologia de nossa geração. Esse livro haverá de consolidar ainda mais essa reputação. Com um tratamento magistral das origens e da natureza das doutrinas, é uma obra digna de estar ao lado de *The nature of doctrine*, texto clássico de George Lindbeck. Leitura essencial para todos os que se interessam pela natureza e pelo futuro das doutrinas.

Alister McGrath, professor titular de Teologia Histórica na Universidade de Oxford e diretor do Oxford Centre for Evangelism and Apologetics

Observando o estranho desaparecimento da doutrina nas igrejas, Kevin Vanhoozer defende que a doutrina, longe de estar desvinculada da vida, serve à igreja — o teatro do evangelho —, dirigindo indivíduos e congregações à participação no drama daquilo que Deus está fazendo para tornar novas todas as coisas em Jesus Cristo e orientando seus membros no projeto de uma vida sábia para a glória de Deus. O autor procura convencer ministros e leigos igualmente a não desprezar a doutrina como algo irrelevante e busca motivar os teólogos a não negligenciar as necessidades da igreja. Seu objetivo é fazer o *cordeiro pastoral* deitar-se com o *leão teológico*. É refutar, de uma vez por todas, a dicotomia muito comum entre doutrina e vida real. A doutrina cristã nos orienta no caminho da verdade e da vida e, portanto, é nada menos que uma receita para a realidade.

O drama da doutrina apresenta novas metáforas para a teologia (a dramaturgia), para as Escrituras (o roteiro), para a compreensão teológica (a atuação), para a igreja (a companhia de teatro) e para o pastor (o diretor).